

Sartre falou uma hora em tom didático, 3 set. 1960

O Estado de S.Paulo, 3 set. 1960

Trinta pessoas aglomeradas em torno de uma mesa. Sentado à cabeceira, um homem, baixo, estrábico, nos dedos uma cigarrilha que se apaga instante a instante, a voz clara, sem inflexões exageradas, a gesticulação natural, responde durante uma hora a pergunta de toda a espécie. Sério, parece evitar os ditos irônicos, a anedota, mas sorri duas ou três vezes. Ignora o acender dos “flashes”, os microfones que lhe são quase enfiados em pleno rosto e as conversas próximas.

Jean Paul Sartre falou ontem à tarde à imprensa, mas o número de curiosos, na maioria estudantes, era superior ao de repórteres. Entrou no salão dez minutos depois da hora marcada, apertou a mão de dois ou três admiradores, foi levado a um sofá, sentou-se, rodearam-no, levantou-se, tornou a sentar-se à cabeceira da mesa, convidou os outros a fazerem o mesmo, acendeu uma cigarrilha, olhou em volta e esperou.

As perguntas se sucederam. Os temas: juventude francesa, Argélia, Cuba, comunismo, Malraux, Estados Unidos, guerra, Nietzsche, existencialismo, luta de classes, dialética, Brasil. As respostas vinham prontas, mas sem pressa, compridas, mas inteligíveis, como uma aula de um professor consciente e atento, lúcido e honesto.

Enquanto fala, encara firmemente o interlocutor, através dos óculos, e ao terminar, concentra-se na tarefa de reacender a cigarrilha. Ao contrário de Malraux, que deixou impressão pela riqueza dos gestos e pela teatralidade da voz, em Jean Paul Sartre nada há, à primeira vista, que o distinga do indivíduo comum, nada que o identifique, fisicamente, com o escritor, com o corajoso homem de ação, com um dos mais discutidos homens do nosso tempo.

Passados quinze minutos, a entrevista transforma-se numa conversa, em tom apenas audível, entre o pensador e dois ou três interlocutores. Os demais ouvem. Alguém esboça uma pergunta, mas logo desiste. O ambiente é calmo, oposto àquele que geralmente se forma em tais ocasiões. Ninguém precisa gritar para ser entendido e, felizmente, ninguém pergunta ao entrevistado o que achou de São Paulo.

Às 18 e 10, a entrevista termina. Mas o escritor é reconduzido ao sofá inicial, onde quatro rádio-repórteres o aguardavam, microfones em punho. Senta-se. Desta vez é preciso um intérprete, por meio dele é que fazem a primeira pergunta. Sobre a “teoria do existencialismo”. Sartre responde. O intérprete traduz. Notam que os gravadores não funcionam. Pausa. Consertam-se os gravadores. Repetem a pergunta. Sartre diz novamente que “não existe teoria do existencialismo”. Novamente, o intérprete traduz. Mais três questões são formuladas e o filósofo se levanta.

No caminho até o elevador, despede-se de alguns. Simone de Beauvoir, discreta, conversa com amigos, enquanto o espera. Uma senhora aborda o escritor e com ele pretende iniciar uma discussão sobre um problema religioso. Sartre responde, cordato, enquanto a interlocutora sacode a cabeça, como quem discorda.

De repente, esbaforido, surge outro rádio-repórter que se atrasara. Aos gritos pede uma declaração. Impassível, Sartre espera que surja o microfone, que se liguem as tomadas. Enfim, a pergunta: “Acredita no êxito da Revolução Cubana?”. A resposta vem, mas tem de ser repetida e traduzida. O microfone não funcionara. Risos. Sartre retira-se enquanto o repórter queixa-se de que a entrevista estava estragada.

HERZOG, Vladimir. “Sartre falou uma hora em tom didático”. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 3 set. 1960, p. 9, c. 8.